

Acerca do ChatGPT

About ChatGPT

Roque Lamenza Júnior

“Que mil flores desabrochem. Que mil flores
(outras nenhuma) onde amores fenecem
que mil flores floresçam onde só dores florescem”
Manuel Alegre

Algoritmo, trabalho e diferença.

A cibernética está na ordem do dia, e não nos impressiona que o ChatGPT¹ venha adquirindo tanta importância em nossos tempos. As novidades da informática e da robótica carregam consigo sempre o deslumbre de uma superação, bem como uma dúvida. Ser contemporâneo da inteligência artificial é sinônimo de um assombro: o da obsolescência humana gerada pela eficiência dos computadores. Numa virada estranha, começamos a pressentir que corremos o mesmo risco que nossos aparelhos eletrônicos, e vislumbramos ser substituídos por robôs (pelo menos, até a ocorrência de uma nova explosão solar)². Oscilamos entre a aflição e a ansiedade para saber se, finalmente, os computadores nos superarão em “tudo”. Repetimos esse jogo duplo de fascínio e medo, agora, sobre o ChatGPT. Essa plataforma onde conseguimos interagir com a Inteligência Artificial (IA) por meio de texto, tanto para conversas sem propósito quanto para a execução de uma tarefa (que possa ser realizada por texto). A velocidade com que suas funcionalidades foram adotadas pela máquina social comprova, ao menos, o fascínio que essas ferramentas nos causam. Somos sensíveis ao número de atividades do nosso dia que podem ser automatizadas ou totalmente realizadas por computadores. E, com isso, levantamos, continuamente, questões do início da Revolução Digital e dos livros de ficção científica: o computador nos libertará das maçantes atividades de exploração de um mercado de trabalho? E, se sim, em direção a que futuro? Seremos substituídos e relegados a um futuro de miséria, desemprego e fome? Continuaremos nesse caminho até que as máquinas de extração e lucro destruam o planeta em velocidade acelerada e ininterrupta? Ou pode a Revolução Robótica vir a ser uma ferramenta chave numa completa revolução da máquina social? Servindo como estopim para modificar por completo a organização das nossas sociedades? Independente das respostas que imaginarmos, a questão que nos aparece é do cunho do “que fazer? Se é que nos resta algo a ser feito.

O fato é: as tecnologias seguem se aprimorando em paralelo à degradação das condições de vida (não só humana) por todo o planeta e, reafirmando as reflexões de Guattari (2012), seguimos na revolução informática pelo mesmo caminho do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia e da neurose que ele havia apontado. Sem contar as entrâncias das novas subjetividades neoliberais, do empreendedorismo, da individualidade massificada e do empoderamento, que seguem destruindo, infectando ou minando as construções coletivas e o

Roque Lamenza Jr.

Mestre em psicologia pela
Universidade Federal
Fluminense
roquelamenza@yahoo.com.br

1

ChatGPT é o nome dado a plataforma de conversa movida por inteligência artificial que usa técnicas de aprendizagem profunda (*deep learning*) para manter conversas relevantes com os usuários, realizar e entregar tarefas em texto. O GPT é uma sigla para *generative pre-trained transformer*.

2

Diversos cientistas apontam para os riscos de uma forte tempestade solar acabar com a comunicação na Terra como conhecemos, por conta das alterações no polo magnético da Terra causado por explosões

comum. Nesse sentido, não podemos esperar diferente das aplicações que virão com a inscrição da IA nos campos imagético, técnico, político e científico. Não há dúvidas da velocidade e da capacidade de um computador para pesquisar, organizar e apresentar dados. Todo o império do Big Data³ é prova suficiente das capacidades associativas e representativas dos algoritmos computacionais e de sua importância para a megamáquina do Capital. A tendência é uma diminuição drástica dos postos de trabalho e dos salários, acoplada a um aumento desumano das exigências dos mesmos, visto que, para a maior parte das atividades laborais modernas, o computador é – ou está em vias de se tornar – mais eficiente, mais rápido e, definitivamente, mais lucrativo que um humano. Pior, em várias tarefas, um só computador pode trabalhar não apenas como uma pessoa. Ele pode substituir trabalhadores de um escritório, todo um andar ou do prédio inteiro. Talvez, mesmo de todo o conjunto de profissionais de uma área⁴. E, se de um lado o fascínio por essas máquinas nos deixa deslumbrados, de outro sua aplicabilidade nos preenche de temor. Ser contemporâneo é estar imerso nesse turbilhão de dúvidas, tanto sobre o que será de nós, quanto se há algo que possamos fazer sobre o futuro deste mundo. Estamos em um ponto de inflexão: ou fazemos uma virada total nos nossos paradigmas e modos de existência, ou seguimos em marcha acelerada, rumo ao suicídio coletivo, orquestrado por agrotóxicos, extrativismos, descaso com as condições sociais e existenciais, ódio à democracia e, em última instância, ódio à vida (ou sua completa resignificação pela axiomática do Capital, o que dá no mesmo).

Na economia de lucro que vivemos, nós humanos somos um empecilho (assim como a natureza e os outros animais). É que robôs não precisam de salários, indenização, férias, horário de almoço ou de descanso. E, até onde se sabe, não são atravessados nem por ética, nem por ganância. A completa substituição do trabalho humano pela eficácia robótica, sonho do Capital, pode significar um atalho para a morte de milhares de pessoas; a delegação de milhões à miséria completa, ao total desemprego e falta de perspectiva. Como animais na fila do abate, já pressentimos nossa aparentemente inevitável condenação. No limiar da vanguarda da máquina do Capital, a obsolescência humana vibra. É nítido que o capitalismo deseja essa substituição e vemos seu ímpeto nessa direção. Fenômeno que não é apenas de fácil observação, como faz parte dos processos circundantes da história das revoluções tecnológicas (a história do capitalismo). Toda modificação nos meios técnicos põe em risco vários afazeres, profissionais e múltiplos modos de vida. Isso quando não é diretamente contrário aos últimos e os extermina. A megamáquina do Capital não faz desvios, não protege nem resguarda, a não ser a si mesma. Na corrida contínua por mais lucros, a vida, tanto no seu aspecto mais particular quanto no mais universal, não tem outra importância. Ou, se a máquina falida do Estado ainda sustenta algum interesse biopolítico sobre nossas vidas, esse é sempre segundo frente aos interesses de um capitalismo mundialmente integrado (CMI). O primado é do lucro, o único sujeito é o Capital e todo o resto é mercadoria. Até (e, talvez, principalmente) na morte há mais-valia. Alguns dão a isso o nome de necropolítica.

Não subestimemos. É claro que na materialidade da vida há um aumento crescente do desemprego e da miséria. Podemos observar esse fenômeno acontecendo por todo o planeta. Só no Brasil, segundo o IBGE⁵, no primeiro trimestre desse ano, contamos com 9,4 milhões de desempregados. Desde profissões de baixa escolaridade até as de alto nível técnico, parece que ninguém escapará de ter seu trabalho tomado pela eficiência matemático-cibernética, de maneira atual ou virtual. Basta ir a um dos grandes supermercados das metrópoles para ver o totem computadorizado ao lado dos trabalhadores humanos. Auto-atendimento (ou o consumidor posto para trabalhar), de frente para um artefato que aponta a obsolescência de um emprego ainda atual. O robô como o limiar

3

Nome dado ao montante de dados acumulados pelas empresas ao longo das últimas décadas, fonte de boa parte de seu lucro. Sobre esse assunto recomendo a leitura do livro de Shoshana Zuboff (2021), intitulado A era do capitalismo de vigilância.

4

Um único computador com alta capacidade de processamento e conhecimento dos Direitos Trabalhistas poderia substituir todos os advogados trabalhistas de uma só vez, por exemplo.

5

Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

entre o presente e o futuro desemprego. O empregado fita sua iminente substituição.

Numa primeira vista, seremos superados em todas as nossas capacidades. Apenas inputs em uma tela, uma resposta de sistema e um produto inédito entregue em tempo recorde é melhor que nós. Se na dinâmica cotidiana dos trabalhos – principalmente os trabalhos de empresa, de gabinete, de escritório, a IA já parece ser a funcionária do ano e, até no campo artístico, alguns robôs ganham notoriedade, o que resta para nós, humanos?

Para se debruçar sobre essa questão, precisamos apresentar um outro elemento, que tem a tendência de passar despercebido nesses processos do dia a dia. Para além dos riscos do desemprego, da miséria, da destruição do planeta e a morte, acreditamos que há um outro risco, de outra natureza ou mais profundo, que não pode ser encontrado nem pela organização do trabalho, nem pelo fascínio por automações, nem pelas previsões apocalípticas, porque é anterior a esses. Ou, dizendo de outra maneira, existe um elemento que escapa a esses discursos, mas que é fundante na forma como tanto as máquinas quanto as interpretações performam. E, sem desdobrá-lo, acreditamos impossível prosseguir de maneira satisfatória sobre o problema que enfrentamos. Se trata de um problema da ordem da repetição. Tentemos apresentá-lo.

De início, pensemos a partir da relação do trabalho, o que parece ser o maior temor desse encontro entre a robótica e a vida prática. Essas atividades maçantes, reprodutíveis e mecânicas nos parecem mais coisa de robô que de humano. Eis a afirmação inicial: a dimensão humana dos trabalhos que são facilmente realizáveis por computador, são fruto de uma ilusão de ótica. De tal maneira que, da era industrial para cá, nós é que estivemos realizando “trabalho de máquina”. Em última, toda a organização do trabalho é uma organização do trabalho de máquinas. O processo contínuo de alienação das instituições, trabalhado por Foucault, retratado pelo Pink Floyd, pelo Black Sabbath e por tantas outras mídias. Na era das indústrias, que agora ganha sua face mais autônoma, a descrição de boa parte dos trabalhos não nos conduz à análise de robôs substituindo humanos em “trabalhos de humano”. Mas sim a uma organização social onde milhares de humanos vêm sendo escravizados e reduzidos a meros inputs de máquina, repetindo continuamente as mesmas tarefas, com o mínimo (ou zero) grau de ação; de diferença. Condenados à uma reprodução contínua da mesma rotina de trabalho, ao mesmo processo que tende ao menor grau de potência. O que nos permite dizer que, talvez, estejamos (há muito tempo) doentes de máquina, mecanizados. E essa doença (muito bem retratada no filme *Tempos Modernos*), tornou-se parte do modelo subjetivo. Arriscamos que talvez por isso o modelo de feed das redes sociais tenha se tornado tão popular. Estagnação do corpo, enquanto o sujeito cognoscente mantém um fluxo contínuo de reproduções numa tela. Gestos computadorizados: dedo ativo, corpo parado. Curiosamente, o sintoma da aceleração do digital é uma paralisia. Causada por um mundo que respira experiência de cópia de cópia (e de novo, e de novo). Eis no que as máquinas computadoradas são tão boas e nos superam: reproduzir! Porque as máquinas não sofrem de nostalgia, expectativa ou tédio. Estão alheias à dimensão experimental do tempo. Quiçá seja possível dizer que os computadores sequer sejam contemporâneos, porque lhes é impossível experimentar o tempo, adoecer dele.

É claro que, num mercado de trabalho onde milhares de pessoas são subempregadas em tarefas que exigem o mínimo de capacidade criativa, os robôs vão tomar de assalto os postos de trabalho rapidamente. A diferença radical que permite a miragem de que os robôs estão tomando nosso lugar jaz aí: no baixo grau de singularidade da maioria de nossas atividades cotidianas, de nossas práticas de trabalho. No quanto a alienação do Capital

nos confunde com suas próprias engrenagens e mecanismos. E no efeito ótico dessa miragem, nós tomamos o mecânico pelo real, o artificial pelo natural.

Não se trata de ilusão; é a hiperrealização⁶ (para usar uma ideia de Baudrillard) do capitalismo a partir do fantasma da morte da experiência. A impossibilidade de distinguir o real do simulado; a reprodução simulando um gesto criador. A economia lida menos com humanos do que com engrenagens da máquina e o efeito é um afinamento contínuo das condições de vida no neoliberalismo por conta da manutenção da simulação. Não nos parece, de qualquer maneira, se tratar de uma capacitação surpreendente de robôs⁷, mas de um processo longo e contínuo de robotização e castração do potencial humano, ou de uma desumanização do trabalho que chega ao fim na plena substituição dos “humanos-máquina” pelas máquinas reais que simulamos. As máquinas computadoradas não estão “roubando nossos empregos”, elas estão assumindo funções que “sempre lhe pertenceram”. Nós é que fomos escravizados nessas tarefas por tempo demais para perceber que ali não há atividade humana a ser realizada e que, em qualquer outro sistema que não esse em que vivemos, essa substituição, que parece nossa sentença de morte, seria nossa libertação da chatice burocrática do trabalho de máquina. O capitalismo hiperrealiza a necessidade de manutenção desse sistema, da mesma maneira que nós, por anos, hiperrealizamos o trabalho de robôs e computadores. Nossa abertura para verdadeiros processos criativos, que poderiam permitir a vida fluir (em muitos casos, começar) é interrompido pelos fluxos tecnocratas do Capital. Vivemos em devires de mecanismo, de peças de sistema ou parte acoplada. Conectados às máquinas do Capital em cada gesto, ação ou desejo. E o que nos escapa, nessa fantasia da assertividade computadorada, é o movimento, a intuição e a criação. Como não temos a superação desses sistemas no nosso horizonte, nos é mais fácil imaginar o fim das condições de vida para milhares de humanos, em vez do fim desse sistema.

Damos, então, um passo atrás, ou para o lado e olhamos a questão por uma outra perspectiva. A chave de compreensão do nosso problema é que os computadores são excelentes em replicar, reproduzir, copiar, imitar. Mas são péssimos em criar. À primeira vista, isso pode soar estranho. É claro que uma IA com machine learning pode fazer novos algoritmos, novos programas, novos quadros, músicas ou o que seja. Só que criar nada tem a haver com produzir mais uma coisa ou fazer “algo novo”. O gesto criador pode não ter necessidade de produzir coisa alguma. Ele é da ordem do encontro, da produção de uma diferença, do desvio causado pela singularidade de uma experiência. A produção não é a criação e o computador apenas (re)produz, não cria. Ele opera no circuito associativo, representativo e identitário. E há uma diferença de natureza entre o que é singular e o que é idêntico, o que é aprendido e o que é afeto. A própria técnica de aprendizado de máquina já entrega consigo o problema. Mesmo algo criado pelo computador que tenha características de inédito, nada mais é que um compilado de possibilidades, de caminhos já dados, de composições possíveis previamente apreendidas pela máquina. Muda-se a roupagem, organiza-se as peças de outra forma, cria o efeito ótico de algo novo: a miragem hiperrealiza-se. Todo produto, por fim, carrega consigo as marcas do idêntico; da reprodutibilidade técnica.

O computador só pode ir do conhecer ao conhecido. Toda composição é um já dado, já criado ou um déjà vu. O próprio espaço vazio é uma simulação de vazio. A máquina é incapaz de romper a barreira da representação, de sair do binarismo, do sim ou não, das respostas já prontas sempre antes do perguntar. O problema se inicia na própria pergunta. Como afirmam Almeida e Gorlier (2023 p.29), “a pergunta não é uma verdadeira questão”. Ela nada movimenta, ao contrário, estagna, impede a continuidade das questões. Campo das respostas definitivas, da imobilidade e da

6

Jean Baudrillard, em seu livro *Simulacra and Simulation* (1994), designa o operador hiperreal para se pensar uma experiência (principalmente proporcionada por sociedades altamente tecnológicas) onde o real é impossível de se distinguir de uma simulação, de modo que nossas experiências podem tornar-se incapazes de se realizar, visto que tudo já fora realizado de antemão, de forma simulada.

7

O que em nada diminuiu a impressionante tecnologia de associação e predileção que são as inteligências artificiais.

impossibilidade do pensamento. Talvez por isso os sintomas do contemporâneo sejam o tédio e a depressão. Sintomas de estaque. Talvez andemos secos demais, duros demais, rígidos demais. idênticos demais e, por isso, acreditamos que o computador pode tudo, inclusive superar a vida.

Guattari (2012) já havia apontado uma direção a esse problema. Seu livro *As três ecologias*, se inicia com essa análise do panorama que nos encontrávamos no início dos anos 90: um certo comprometimento na relação da interioridade subjetiva com algo que lhe está fora; um “movimento geral de implosão e infantilização regressiva” que ou nos afasta da alteridade ou a faz tender a “perder toda a aspereza”. Os comportamentos se tornam, então, robotizados ou padronizados. Se trata de um processo de despotencialização, de enrijecimento ou ossificação que nos imobiliza. Assim como os computadores carregados com bancos de dados, andamos abarrotados de signos e respostas prontas. Como se todo o mundo já tivesse sido inventado e nada mais houvesse para criar. E como afirma Lazzarato (2006), quem traz respostas prontas perde o bonde do acontecimento.

Os algoritmos não sabem, lhes é inalcançável, que a repetição não funciona apenas subordinada ao idêntico e ao contraditório. A repetição não é o semelhante, nem é da ordem da lei. Deleuze (2018) já afirmava que a diferença entre esses termos é de natureza. Na repetição, o que se repete não é o idêntico, mas o singular. O processo é mais da ordem do lírico, do artístico ou do literário do que da ordem do matemático-científico e o que escapa e sempre escapará ao computador é essa abertura singular; capacidade afetiva e imaginativa, que é nossa sensibilidade para a Diferença. Algo que só é possível de ser feito no encontro, na experiência sensível, que nos lança para fora de nós mesmos, em direção ao acontecimento. O gesto criador da diferença fundante da experiência. A inevitabilidade da mudança. Em resumo, a diferença essencial é que um computador não tem – nem consegue simular – um espírito. Não há emoção, comoção; nada se desvela. Não há a possibilidade de uma mudança radical de rota, que não seja realizada por um motivo racional. Um computador não se emociona com uma peça de música ou determinada cena, de maneira que, mesmo ao reproduzi-la, ou simulá-la o que fica claro é, sempre, a impossibilidade da repetição; a ausência da singularidade. Arte não se trata pura e simplesmente de técnica. No produto (cópia ou clone, mesmo que inédito), algo falta. Porque o “impulso” para a máquina criar não vem de um afeto inescapável, mas de uma ordem (um input de máquina). Denúncia de sua artificialidade, a máquina só reproduz, insistentemente, sob comando. Nada a inspira. E a monotonia de nosso cotidiano tem nos impulsionado a pensar e agir da mesma maneira, como se não fosse a Diferença o motor de nossa existência, como se não estivéssemos todos lançados em seu eterno retorno, entregues a nossas paixões, sendo provocados por ela a todo momento; nos deixamos enganar. Afirmamos que os algoritmos são incapazes de reproduzir a inevitabilidade de nossas vidas. É impossível simular o desconhecido. No algoritmo, todo o novo preexiste a si mesmo, se constitui no reino da reprodução e sua continuidade linear. O que quer que se produza, é de tal maneira e não de outra. Retrato da eficiência maquínica. Sem desvios, sem reminiscências e sem devir. Falta-lhe a implicação do eterno retorno, ou, nas palavras do músico paulista Maurício Pereira, o inescapável “mergulhar na surpresa” da experiência real.

Eis do que não podemos esquecer: que esse mundo, no qual vivemos, não é natural. Que sua artificialidade constantemente hiperrealiza o mundo; lhe dá novos sentidos e organizações; rearranjos. Esses, que nada mais são que efeito ótico proporcionado pelo Capital, nos afastam de processos singulares, ao nos remeter continuamente a linhas de reprodução. São distorções proporcionadas por uma economia mundo, cuja simulação efetua a realização de nossa destruição. O problema com que iniciamos o texto,

aponta sofrimentos e dúvidas que só existem dentro dos limites de sua artificialidade. Entre nós e o algoritmo a diferença é de natureza. Intransponível porque diz de um acesso ao sensível, inexplicável. Está conectado ao inverificável da experiência. Essa ascensão dos robôs aos postos de trabalho, nos substituindo, pode ser uma fenda pela qual a verdade esorra: o capitalismo é um sistema suicida, mantido por uma minoria bilionária, que se sustenta por meio de um programa escravagista global. Sua tendência é o consumo ininterrupto de tudo que possa gerar lucros; processo vampírico de extrair até a última gota, que é (re)produzido em todas as relações. Se espalha pelo microcosmo das relações interpessoais e no macrocosmo da geopolítica internacional. Passa por dentro dos espíritos, modifica-os, entristece-os. O capitalismo é uma máquina produtora de afetos tristes, aridez e morte. Plutocracia de 1% da população mundial, que coloca mais da metade da população mundial em situação de miséria e o todo o resto vendendo suas vidas por um salário. Na fantasia de adquirir um lugar ao sol, o que deve ficar exponencialmente mais fácil, visto que o bioma do Capital é o deserto, em todos os sentidos do termo. É preciso superar o capitalismo (talvez os robôs sejam parte disso). Sua máquina de guerra não irá parar e deve ser eliminada. Primeiro e principalmente, de nossas subjetividades, de nossos modos de desejar, de se relacionar, de consumir. Daí a necessidade que lateja no ritornelo do contemporâneo: a de criar novos paradigmas éticos, estéticos e políticos, para que a vida possa começar – ou não terminar.

Sobre o artigo

Recebido: 12/12/2022

Aceito: 20/12/2022

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, L.; GORLIER, J. **Criação em processo**. Rio de Janeiro: Eduff, 2023.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacra and Simulation**. USA: The University of Michigan Press, 1994.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. São Paulo: Editora Papyrus, 2012.
- LAZZARATO, M. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.